apem NEWS LETTER
março 2013

carta aos sócios

A formação contínua de professores numa era de incertezas e de absurdos

Escrever, de um modo sintético, sobre a formação contínua de professores de educação musical e de música, num tempo caracterizado por incertezas e absurdos, no que se refere às políticas públicas no âmbito da educação e do desenvolvimento profissional dos professores, parece ser uma tarefa condenada ao fracasso e à inutilidade.

Fracasso e inutilidade uma vez que não só existe o congelamento das carreiras profissionais como também o desemprego e a instabilidade dos que têm trabalho se afiguram como dimensões que entraram em definitivo nos quotidianos profissionais e particulares de cada um de nós. Nunca ao longo da História da Educação Pública em Portugal e da História da Profissionalidade docente, e em democracia, se viveram tempos que atingissem tão profundamente, e quase exclusivamente, uma das classes profissionais mais qualificadas do país.

Ora, convém relembrar que no relatório Mundial de Educação de 1998, editado pela Asa, a Comissão Internacional da Educação para o século XXI da UNESCO, refere não só que "o tempo de aprender é agora a vida inteira", como também "os professores têm um papel crucial a desempenhar na preparação dos jovens não só para que estes enfrentem o futuro com confiança mas para que o construam com determinação e responsabilidade". Por sua vez, Frederico Mayor, enquanto Diretor-Geral da Unesco escreve no prefácio que "os professores merecem todo o nosso encorajamento e apoio".

Lidas hoje estas frases parecem pertencer ao domínio da ficção científica.

Assim, e num momento em que tudo parece ruir à nossa volta, e de, muitas vezes, a falta de perspetivas presentes e futuras nestes tempos absurdos, o investimento em nós, de que fala Claude Dubar, é algo que se apresenta como uma das dimensões estruturantes de construção não só da nossa profissionalidade como também, um instrumento de reconfiguração das nossas práticas e de preparação e segurança no futuro, por mais incerto e imprevisível que ele se afigure.

A APEM, dando continuidade ao percurso pioneiro iniciado pelos seus fundadores no início da década de setenta do século passado, procura, com a sua perspetiva, contribuir para que a incerteza e imprevisibilidade dos futuros sejam contrabalançadas com saber e conhecimento.

E se há um grande desrespeito político e de políticas por esta classe profissional, nós, pelo menos, temos de nos respeitar enquanto pessoas, enquanto educadores, enquanto profissionais competentes e sabedores e, contra ventos e marés, continuar a desempenhar o nosso crucial papel na preparação das crianças e dos jovens. Para que possamos pensar e contribuir para que tenham outros futuros.

Se não cuidarmos de nós quem cuidará?

António Ângelo Vasconcelos

índice

Carta aos Sócios
A formação contínua de professores numa era de incertezas e de absurdos 1
Feito e dito
Como se faz, pr'a fazer... " um Ensemble de Flautas?" e "Música em movimento?" 2
Nós por cá 4
Perguntámos a...
Ana Mafalda Pernão 5
O que já se escreveu
Maria de Lourdes Martins 7
Vozes da Apem
Elsa Mobilha 8
De olhos postos
Em Timor 10
Última 12

feito e dito

Realizou-se no sábado, 23 de fevereiro, o penúltimo workshop do Ciclo "Como se faz...p'ra fazer um Ensemble de Flautas?" Foi formadora a professora Dulce Marçal. Os participantes experimentaram as sonoridades das várias flautas e vivenciaram o prazer do ensemble, uma prática fácil de levar para a escola.

O que ficou dito de mais positivo:

"Poder aprender variados aspetos técnicos que desconhecia ou que não conhecia tão bem, que me irão permitir melhorar a minha prática letiva."

"A experiência prática com a oportunidade de tocarmos as diferentes flautas existentes."

" A empatia com a professora."

"Aprendizagem de aspetos fundamentais relacionados com o início de como começar a ensinar os alunos a tocar flauta."

"A formadora é excelente quer pela comunicação que mantém com os formandos quer pela sua excelente qualidade profissional. Aprendi imensas coisas que desconhecia. Um dia bem passado que nem dei pelo tempo passar tão rápido!"

feito e dito

No sábado, 16 de março, encerrou-se o Ciclo de Workshops em Lisboa com o workshop "Como se faz...p'ra fazer Música em Movimento?" dinamizado pela professora Catarina Costa e Silva. Os participantes puderam vivenciar a relação estreita entre a música e o movimento transformando o corpo num instrumento de audição, ou seja, "num grande ouvido".

Ficou dito como aspetos mais positivos:

"A referência que a música é movimento do corpo no espaço e no tempo."

"Os conceitos musicais (forma e compasso) trabalhados através do movimento corporal."

" Muito bem organizado, excelente material pedagógico tendo em conta o sentido prático."

"Todo o saber e atitude da formadora."
"Os aspetos focados sobre os quais poderemos aplicar o movimento e a dança na aprendizagem da música."

"Ser muito prático e viável para ser aplicado com as crianças em contexto de sala de atividades."

A APEM agradece à Direção Geral de Educação e em especial à Equipa da Educação Estética e Artística com quem fez uma parceria e assim tornou possível a realização deste Ciclo de Workshops!

nós por cá

O movimento associativo e a atividade da APEM

Já está disponível na sede da APEM ou através do email vamosconstruirumacidade@gmail.com o CD com o material de apoio à produção do projeto "Vamos Construir uma Cidade" de Paul Hindemith na versão portuguesa de Eugénio Sena.

Aos sócios que não receberam a 2ª versão da Separata da Revista nº 136 com a edição total e corrigida da versão portuguesa da Peça para Crianças "Vamos Construir uma Cidade" de Paul Hindemith, solicitamos que contactem a APEM através do email apem.educacaomusical@gmail.com

Terminou em Lisboa o Ciclo de Workshops "Como se faz...p'ra fazer?", organizado pela APEM e que contou com a parceria da Equipa de Educação Estética e Artística da Direção Geral de Educação.
Para quem não teve oportunidade de vir a Lisboa e vive no Norte ainda tem a possibilidade de realizar alguns destes workshops no Porto e em Ponte de Lima!
"Como se faz...p'ra fazer um Ensemble de Flautas de Bisel?", no dia 6 de abril na Escola Superior de Educação do Porto e "Como se faz...p'ra fazer Música em Movimento?, no dia 20 de julho na Academia de Música Fernandes Fão em Ponte de Lima e ainda no dia 27 de julho com a professora Rosário Lucena o workshop "Como se faz...p'ra fazer uma Orquestra na Escola?" também na mesma Academia.

Marque na sua agenda e contacte a APEM para todas as informações e inscrições:
www.apem.org.pt e apem.educacaomusical@gmail.com

Já está disponível o calendário das ações de formação creditadas do CFAPEM para o 3º período do ano letivo 2012/2013. Estão programadas formações creditadas no Porto, Aveiro, Figueira da Foz, Lisboa e Olhão.
Toda a informação aqui:
http://www.apem.org.pt/cfapem/index.html

Realizou-se no dia 8 de março mais uma reunião da Comissão de Acompanhamento do Programa das AEC, onde a APEM tem lugar. O programa de acompanhamento das AEC aprovado para este ano letivo, inclui três encontros regionais em abril, maio e julho para os agrupamentos selecionados pelos serviços regionais da Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares. Também este ano letivo se inicia uma avaliação externa do programa das AEC cujo objetivo é conhecer os processos de evolução e os resultados do programa, os aspetos positivos e os constrangimentos ainda presentes. Esta avaliação está a cargo da Universidade de Évora estando prevista a sua finalização em novembro de 2013.

Realiza-se no dia 25 de maio a conferência MUSIC, POETRY & THE BRAIN, na Reitoria da Universidade Nova de Lisboa, com a organização de:
Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa and Goethe-Institut, in collaboration with Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL, Fundação Ciência e Tecnologia (FCT), Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Sociedade Portuguesa de Neurologia, Sociedade Portuguesa de Neurociências, Sociedade Portuguesa de Neuroradiologia, Ordem dos Médicos, Associação Portuguesa de Educação Musical e Círculo Richard Wagner de Portugal.
Mais informações em: http://www.musicpoetrybrain.com/

perguntámos a...

Ana Mafalda Pernão,

professora e diretora da Escola de Música do Conservatório Nacional.

Tendo em conta a sua vasta experiência como professora e como diretora da EMCN quais principais constrangimentos e desafios que se colocam ao ensino da música em Portugal?

A hegemonia do sistema e a organização pedagógica

O ensino da música tem como objetivo formar artistas, logo, indivíduos que aprendem a pensar por si próprios, a expressarem-se individualmente. Por seu lado, as escolas artísticas oferecem aos seus alunos uma formação em artes, na esperança que de todos eles, por algumas vezes, desabroche um artista. Os conhecimentos que se transmitem, ao longo da formação, vão permitindo criar no aluno a sua própria forma de expressão.

Neste contexto, procura-se, como refere Rui Canário, que a educação e a formação se apoie "na autonomia contra a heteronomia [...] como uma actividade que, em vez de produzir conformidade, se traduz na capacidade de nos autodeterminarmos." Assim, o mais importante é criar a diversidade. Algo que está em direta contradição com a forma estereotipada como, do ponto de vista das políticas centrais, as escolas estão hoje organizadas. Já Kingsbury afirmava que o sistema burocrático de organização das escolas está desadequado para o desenvolvimento das competências artísticas.

Também a necessária colaboração entre docentes, com o objetivo de uma formação alargada, está em conflito com essa organização, uma vez que ao expressar-se individualmente, o artista (seja o professor ou o aluno) tem dificuldade em fazer parte de uma organização colaborativa, em que o sucesso é conjunto e partilhado.

Estas constatações justificam a necessidade de uma organização diferente para estas escolas. Não se pretende que os alunos respondam todos com a mesma voz, mas que tenham a sua própria voz.

perguntámos a...

A seleção de crianças

Tendo em conta que a fiabilidade dos métodos de seleção não é muito elevada e que nem todos têm acesso a uma sensibilização à música anteriormente à entrada no sistema do ensino vocacional, o facto de haver necessidade de selecionar os candidatos, é um dos motivos de maior constrangimento. Primeiro, as crianças são expostas a uma prova para a qual partem em desigualdade. E se isso não fosse por si só já muito injusto, essa desigualdade é, na maioria das vezes, fruto de diferenças sócioeconómicas.

Sabemos que a prática de um instrumento com vista ao sucesso como instrumentista profissional, depende de muito mais do que da aptidão musical, seja ela inata ou fruto de um desenvolvimento precoce na música. Assim, muitos dos que podem ser excluídos da formação vocacional por demonstrarem menor aptidão, poderiam obter maior sucesso como instrumentistas por terem apoio e maior acompanhamento no seu trabalho com vista a essa prática. Já Révézs afirmava, em 1954, que "aptidão inata requer influências circundantes para o seu desenvolvimento."

Este problema leva-nos ao próximo constrangimento:

Os custos do sistema

Ao concretizar-se uma maior generalização do ensino vocacional, nomeadamente pela abertura de novas turmas de ensino articulado ao nível do 2º ciclo, aumentou o número de alunos, logo, os custos que este ensino faz acrescer ao sistema.

Será que estes custos estão a ser bem canalizados? Isto é, será que a existência do ensino articulado que oferece uma formação tão exigente a um número de alunos não selecionado, é a melhor solução para se generalizar o ensino da música? O facto de se facilitar o acesso, através de uma maior proximidade e ausência de custos às famílias, é suficiente para que esta generalização resolva uma democratização do ensino da música?

O ensino articulado foi criado para resolver este problema, mas infelizmente criou muitos outros: alunos no curso vocacional que não gostam de tocar, pais que não sabem que só com o seu apoio se pode ter sucesso, gastos aplicados que nunca trarão resultados.

Desafios

Então o que fazer para proporcionar uma formação artística às crianças?

Em primeiro lugar, começar mais cedo, uma vez que, de acordo com estudos relacionados com o cérebro humano, "a maior velocidade de aprendizagem e, consequentemente, o melhor rendimento dos investimentos em educação ocorrem na pré-escola" como escreve Spitzer.

Aproveitar projetos que já mostraram os seus resultados, ouvir aqueles que há muito foram formados e formam os músicos deste país.

Aproveitar o espaço escolar e levar os professores a trabalharem em conjunto, fazer um ensino para o futuro, explorando o presente e o passado, apostando no trabalho em conjunto e no desenvolvimento do pensamento criativo.

Ana Mafalda Pernão

o que já se escreveu...!

O artigo que selecionámos este mês foi escrito por Maria de Lourdes Martins em 1976, apresentado no Seminário da ISME, em Hannover, e publicado no Boletim Informativo da APEM n.º 14.
O artigo tem como título "Elementos necessários à formação de professores de música tendo em vista a Educação Musical Permanente" (pp. 8-14) e apresenta-se como uma reflexão pioneira e de grande atualidade, merecedora de uma releitura atenta de todos que se dedicam ao ensino da música nas suas múltiplas dimensões.
Do texto salientamos:

"[...] a formação de professores de música não deve ficar confinada ao Conservatório e à Universidade de Música. O estudante (futuro professor de música) deve procurar contactar com a vida musical da comunidade, praticar música em conjunto, em casa e nos clubes, organizar colóquios e encontros com intérpretes, compositores e outros artistas, ir a concertos e ao teatro, visitar exposições aprendendo a apreciar obras de arte, a ouvir criteriosamente, procurando desenvolver o seu sentido estético; deve levar para o conservatório o que aprendeu e experimentou na vida comunitária e social e vice-versa; deve procurar a inserção dos diferentes ambientes, que formarão um todo e serão um válido contributo para a sua educação" (pp. 10 e 12).

Maria de Lourdes Martins termina o seu texto afirmando que o professor de música deve **"estar devidamente preparado para [...] NÃO SE DEIXAR VENCER MESMO QUANDO DESESPERADO"**

Disponível em: http://www.apem.org.pt/page14/downloads/index.html

vozes da APEM

Elsa Mobilha, sócia da APEM e professora de Educação Musical na Escola da Bela Vista em Setúbal, partilhou a sua reflexão sobre as implicações mais relevantes que identificou na sua escola e vida profissional decorrentes da reorganização curricular. Reflexão que intitulou:

(Re)Organização Curricular – um drama em III atos no Departamento das Expressões!?

Introito

Como Coordenadora do Departamento das Expressões no Agrupamento Vertical de Escolas Ordem de Santiago, é-me difícil falar apenas ao nível da disciplina de Educação Musical, pois também tenho presenciado as consequências da extinção da disciplina de Educação Visual e Tecnológica.

Leciono na Escola Básica 2,3/S Bela Vista, Escola TEIP, situada num bairro onde são notáveis as carências a vários níveis. Com um corpo docente estável desde 2005 ao nível do Departamento das Expressões (apesar de presentemente reduzido), este tem vindo a investigar, ensaiar e adotar estratégias, envolvendo diferentes parceiros de forma a contrariar a realidade e, refira-se, com ganhos conseguidos. Tem sido apanágio da nossa prática pedagógica a produção de espetáculos e projetos, com a participação de um grande número de alunos, levando a aprendizagem para além da sala de aula, envolvendo agentes externos e fazendo do trabalho cooperativo um marco determinante no sucesso das aprendizagens/atividades.

I ato – frustração

Porque a **(re)organização curricular** não permite à escola ter a autonomia para aplicar os 6 tempos letivos às Expressões Artísticas, como anteriormente acontecia, a disciplina de **Educação Musical** que contava com 4 tempos semanais no 6º ano (180m), presentemente conta com 2 **(90m)**; porque a **(re)organização curricular, extinguiu** a disciplina de **Educação Visual e Tecnológica** e consequentemente os **dois professores em sala de aula**, sendo que, as disciplinas substitutas não têm relação direta com a anterior, de acordo com as metas emanadas do MEC; sinto, nestes professores e em mim própria - **frustração**:

vozes da APEM

Frustração e impotência perante as implicações/consequências diretas no trabalho com os estudantes e que são limitativas do vínculo afectivo estabelecido, do espaço permitido à criação; da consolidação de aprendizagens, do trabalho continuado, da execução de projetos…

Frustração e impotência por ver professores de grande valor sem turmas atribuídas, sujeitos a concurso e outros sobrecarregados de turmas não reconhecendo, nesta altura do ano, um aluno pelo seu nome!?

Existirá, na verdade, na **(re)organização curricular** um motivo plausível e/ou **estudos feitos que justifiquem estas "habilidades"**??

II ato – adaptação

Os **professores** têm como princípio contornar constrangimentos **em prol dos estudantes**, e têm, nestes últimos anos (consequência de todas as "novidades" nas políticas educativas), sido **mestres na tarefa de se (re)adaptar**. Esta atitude atenua, mas não minimiza, as consequências nefastas deixadas na educação.

III ato – habilidade/disposição

No caso específico da Escola da Bela Vista, onde aspetos sociais influenciam comportamentos muitas vezes conducentes à rejeição das atividades escolares, tem sido reconhecido, quer pela comunidade educativa, quer pelos parceiros, que a formação do indivíduo e as relações interpessoais têm saído valorizadas ao serem trabalhadas também com as artes.

Ao entendermos a escola como um local privilegiado de troca de experiências e vivências, uma área de saber e cultura, onde as **artes** assumem uma **ação educativa** e, numa busca incessante pelo **desenvolvimento integral dos nossos estudantes**, o trabalho destes professores, como agentes políticos, prima pela habilidade/disposição em contornar obstáculos com o intuito de valorizar social e culturalmente a população que servimos. Contudo, é necessário que outros **agentes políticos, nomeadamente o poder central, reconheçam a importância das artes na educação e formação dos estudantes de forma a possibilitar a sua intervenção!**

de olhos postos...

Em Timor - A Música na Escola Portuguesa Ruy Cinatti

A história musical na Escola Portuguesa Ruy Cinatti (EPRC) é muito recente. Apenas no passado ano letivo 2011/2012, foi introduzida a disciplina de Educação Musical no currículo obrigatório dos alunos de 5º e 6º ano de escolaridade, neste momento alargada também ao 7º ano de escolaridade.

A motivação com que chegámos (Carlos e Ana Batalha) à Escola Portuguesa em Timor e a possibilidade de construir de raiz um projeto de educação musical foram os ingredientes certos para a criação de uma dinâmica irreversível.

Assim, a par da oferta da disciplina prevista no currículo foram criados diversos projetos musicais de forma a alargar o leque de experiências a todos os alunos, à partida ávidos de novidades.

Dois coros, grupos instrumentais e uma banda de escola imprimiram uma dinâmica musical não experimentada antes.

A atividade musical na escola e fora desta foi muito profícua. Foram apresentados muitos concertos e foi gravado um CD com grande parte do repertório apresentado. Na Festa Final, o CD foi lançado e colocado à venda e as verbas decorrentes reverteram a favor da compra de mais materiais musicais.

Devido a alguns constrangimentos próprios de um país em desenvolvimento, no que respeita a disponibilidade de materiais, transporte, etc., parte das nossas férias de verão em Portugal foram dedicadas à orçamentação e compra de novos materiais.

O sucesso obtido no ano letivo passado motivou o alargamento da oferta musical a mais alunos, abrindo a possibilidade de contratar mais uma professora para levar a música também aos mais pequenos. No presente ano letivo, todos os alunos do ensino pré-escolar e do 1º ciclo têm a disciplina de Expressão Musical contemplada nas suas atividades semanais.

de olhos postos...

Com a minha chegada (Catarina Andrade) e integração no grupo de professores da Escola, e a sensibilidade e receptividade dos órgãos diretivos no que à música diz respeito, foi também possível, este ano letivo, criar mais alguns projetos como o Grupo de Cavaquinhos, Atelier de Flauta de Bisel e o Grupo instrumental do 1º ciclo.

Muito interessante é também toda a articulação e transversalidade dos projetos em curso: o grupo instrumental do 7º ano que acompanha as turmas do 1º ano, o grupo de cavaquinhos que oferece a base musical ao Rancho da Escola, um pianista do 2º ano que acompanha as crianças do pré-escolar ou a banda da escola que acompanha recitais de poesia.

Destacamos também a intervenção da Ana em todo o processo. Apesar de ser professora de Matemática e Ciências na Escola, a maior parte da sua carga não letiva é dedicada à música. A sua formação de canto pelo conservatório e a experiência de vários anos a nível coral, tornam-na uma peça fundamental na abrangência e qualidade da prática musical na escola.

Neste momento, está a ser implementado um novo projeto de ensino do violino, sob a minha orientação (Catarina Andrade). Foram momentos verdadeiramente mágicos aqueles em que todas as crianças com os olhos muito abertos e curiosos puderam ver um instrumento novo tão bonito e frágil e também quando, com um riso nervoso e as mãos a transpirar, lhe puderam pegar e experimentar. Os violinos já chegaram à escola!

Num país onde não existe nenhuma orquestra e o ensino da música está a dar os primeiros passos, faltam escolas de música e professores habilitados em todas as áreas musicais, a EPRC quer fazer a diferença. A dinâmica é intensa e a responsabilidade é ainda maior quando vemos a motivação, empenho e entusiasmo de todos os alunos envolvidos!

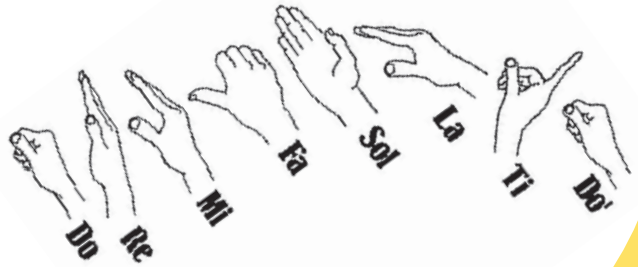
Como diz a nossa aluna Amália Costa: " Eu gosto muito de música porque posso ser artista!"

Carlos Batista Batalha
Catarina Andrade
Escola Portuguesa Ruy Cinatti, Díli, Timor-Leste
http://www.eprc-celp.org

"Como se faz...pr'a fazer um ensemble de flautas de bisel"?

No dia 6 de Abril, na Escola Superior de Educação do Porto, com Dulce Marçal, das 10h30-13h.30 e das 15h às 17h.

Toda a informação aqui:
http://www.facebook.com/apem.edmusical?fref=ts



Ação de Formação creditada (2 créditos)

"A Metodologia Kodály na Educação Musical do Ensino Básico", com Cristina Brito da Cruz, no Conservatório de Música David de Sousa na Figueira
da Foz, dias 6 e 13 de abril, 18 e 25 de maio.

Toda a informação aqui:
http://www.apem.org.pt/files/kodaly_figueira_da_foz_2013.html

Ação de Formação creditada (1 crédito)

"A flauta de Bisel no Ensino Básico: novas abordagens", com Dulce Marçal, na sede da APEM em Lisboa, nos dias 13 e 27 de abril, 4 e 18 de maio.

Toda a informação aqui
http://www.apem.org.pt/files/flauta_de_bisel_no_ensino_basico_lisboa_2013.html

Ação de Formação creditada (1 crédito)

"Educação e Expressão Musical na Infância – metodologias Ward/Helden", com Idalete Giga, na Escola Superior de Educação do Porto, nos dias 20 e 27 de abril, 11 e 18 de maio.

Toda a informação aqui:
http://www.apem.org.pt/files/educacao_e_expressao_musical_na_infancia_helden_porto_2013.html

bddbbd!... plim! plum! plim!

Associação Portuguesa de Educação Musical

Rua D. Francisco Manuel de Melo, 36 - 1º Dto. 1070-087 LISBOA

de 2ª a 6ª feira
das 10h às 12.30h e das 14h às 17.30h

Tel. e Fax **213 868 101**
Tm. **917 592 504** / **960 387 244**
apem.educacaomusical@gmail.com
http://www.apem.org.pt

Ficha Técnica

Conceção e edição: **Direção da APEM**

Conceção gráfica: **Henrique Nande** http://storyllustra.blogspot.pt

Colaboram neste número: **António Ângelo Vasconcelos, Ana Venade, Carlos Gomes, Manuela Encarnação, Henrique Nande, Henrique Piloto, Ana Mafalda Pernão, Carlos Batalha, Catarina Andrade, Elsa Mobilha.**

Contacto:

apem.news@gmail.com